

A DESCOBERTA DE UMA SEXUALIDADE LÉSBICA ENTRE JOVENS NO CONTO “UMAS PERNAS GROSSAS”, DE NATALIA BORGES POLESSO

Laionel Vieira da Silva

Graduado em Psicologia, Especialista em Extensão Universitária e Desenvolvimento Sustentável, Mestre em Ciências das Religiões e Doutor em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba. Psicólogo da Abordagem Centrada na Pessoa. Tem interesses em Psicologia Humanista, Ciências das Religiões e estudos da Sexualidade.

laionel.vc@gmail.com

Sávio Roberto Fonseca de Freitas

Professor de Literaturas de Língua Portuguesa na UFPB.

savioroberto1978@yahoo.com.br

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo realizar uma leitura crítica através de uma abordagem feminista e lésbica do conto “Umas pernas grossas”. Trata-se de uma abordagem que pretende tornar visível aquilo que sistematicamente se tenta tornar inexistente: a sexualidade entre mulheres lésbicas. Buscar problematizar o lugar da mulher lésbica dentro desse recorte da literatura, visando o empoderamento LGBTQI+, de uma sigla (“L”) a qual muitas vezes não é pensada em sua dupla existência: ser feminino e lésbico, buscando emancipação de gênero e de orientação sexual ao mesmo tempo. A metodologia de pesquisa contempla um diálogo entre os estudos de gênero e de sexualidade, com a obra da autora, e análise do corpus proposto, traçando elementos primordiais como: as características dos personagens a partir de uma teorização dos estudos de gênero e de sexualidade, de suas práticas interpretativas, às implicações das experiências culturais e intersubjetivas de leitoras e/ou autoras reais nos discursos de representação.

Palavras-chave: LGBTQI+; Lésbica; Leitura Feminista; Diversidade Sexual.

THE DISCOVERY OF A LESBIAN SEXUALITY AMONG YOUTH IN THE TALE “UMAS PERNAS GROSSAS”, BY NATALIA BORGES POLESSO

ABSTRACT

This paper aims to carry out a critical reading through a feminist and lesbian approach to the short story “Umas pernas grossas”. It is an approach that aims to make visible what is systematically tried to become non-existent: sexuality among lesbian women. We will seek to problematize the place of lesbian women within this literature clipping, aiming at LGBTQI+ empowerment, an acronym (“L”) which is often not thought of in its double existence: being female and lesbian, seeking the gender and orientation sexual emancipation at the same time. The research methodology includes a dialogue between gender and sexuality studies, with the author's work, and analysis of the proposed corpus, tracing key elements such as: the characteristics of the characters based on a theorization of gender and sexuality studies, their interpretative practices, the implications of the cultural and intersubjective experiences of real readers and/or authors in the discourses of representation.

Keywords: LGBTQI +; Lesbian; Feminist Reading; Sexual Diversity.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A minha escolha pelos estudos das temáticas de gênero e de orientação sexual, aconteceu desde o primeiro contato com o curso “gênero e diversidade na escola”, pois sempre observei atravessamento constante entre os fenômenos sociais, históricos e políticos na construção de toda e qualquer narrativa, onde a representação de elementos tais como o machismo e o patriarcado de dada sociedade costumam refletir em tais obras, especialmente naquelas produzidas pelos homens cisgêneros.

Foi mais especificamente no encontro com as discussões apresentadas pela disciplina de “gênero” ministrada pela professora Dr.^a Jeane Félix da Silva que melhor pude observar a importância do pertencimento social e cultural de determinados grupos na construção de um projeto de sociedade culturalmente diverso, especialmente em narrativas que evidenciam o machismo como estrutura organizadora da sociedade e das nossas instituições educacionais, me fazendo pensar a importância do protagonismo feminino na literatura com suas devidas intersecções.

Fato que pude comprovar também com a repercussão, polêmica para alguns, de uma obra literária discutida como questão do ENEM em 2018, que tratava de um conto lésbico como questão da prova, e me fez pensar a possibilidade de discutir a relação entre conto literário, gênero e sexualidade nesse trabalho. Em um dos sites que repercutiram a presença dessa questão no ENEM podemos encontrar citações como a apontada por CASARIN (2018, n. p.): “Há quem tenha se sentido ofendido. O deputado federal Delegado Francischini, do PSL do Paraná, por exemplo, se manifestou no Twitter dizendo que aquilo se tratava de "esquerdalha infiltrada [que] continua fazendo sindicalismo sexual nas provas....””

O referido conto vem da obra “Amora”, da escritora Natalia Borges Polessa, onde é possível encontrar diversos contos que falam sobre temáticas de gênero e sexualidade, como relacionamentos entre mulheres, virgindade, estética, e outros aspectos em uma perspectiva de empoderamento feminino.

Diante desse fato, e após a leitura do livro citado, busquei refletir de um ponto de vista acadêmico sobre um de seus contos, que abordasse o contexto de socialização adolescente perpassado por vivências escolares: “Umas pernas grossas”, o qual é apresentado uma

intersecção de marcadores sociais de diferença: gênero e orientação sexual, apresentando uma experiência de sociedade que tende a supervalorizar hierarquicamente relacionamentos heterossexuais (baseado em uma sociedade hetenormativa) na medida em que se invisibiliza a existência dos relacionamentos LGBTQI+¹.

Assim, no decorrer do percurso acadêmico, estive diante um fato que me chamava atenção: enquanto a sexualidade masculina ganhava visibilidade, a sexualidade feminina era sistematicamente invisibilizada, especialmente a daquelas mulheres que se desviavam do suposto padrão de sexualidade autoproclamado como norma (heteronormativo). É nesse sentido, que se faz necessário buscar o inverso: reafirmar as sexualidades invisibilizadas. Tema esse que pode ser encontrado na obra *Amora*, através do conto “Umas pernas grossas”, o qual será objeto de análise deste trabalho.

Segundo Lionço e Diniz (2008, p.309), a heteronormatividade é compreendida como uma matriz de inteligibilidade na qual é a “partir da heterossexualidade, tomada como parâmetro de normalidade, que toda e qualquer expressão da sexualidade é valorada. Configura como uma norma, um princípio ordenador segundo o qual a pluralidade das experiências sexuais é significada”.

Conceitos dos estudos de gênero como “heteronormatividade” (LIONÇO & DINIZ, 2008) e “heterossexualidade compulsória” (RICH, 2010) nos auxiliarão na elaboração deste trabalho na medida em que discutam as desigualdades de gênero e de orientação sexual. O conceito de gênero aqui é entendido conforme discutido por Butler (2003), que o define enquanto um ato de performatividade que orienta papéis e expressões sociais.

[...] repetição parodística do gênero denuncia também a ilusão da identidade de gênero como uma profundidade intratável e uma substância interna. Como efeito de uma performatividade sutil e politicamente imposta, o gênero é um “ato”, por assim dizer, que está aberto a cisões, sujeito a paródias de si mesmo, a autocríticas e àquelas exibições hiperbólicas do “natural” que, em seu exagero, revelam seu status fundamentalmente fantasístico (BUTLER, 2003, p.211).

O problema posto é: Qual o lugar da mulher lésbica no corpus literário escolhido, “Umas pernas grossas”? Em nossos estudos desejamos partir da hipótese de que, na narrativa em análise há

¹Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Intersexuais e outros grupos que fogem ao binarismo de gênero heteronormativo.

elementos da heteronormatividade, os quais nos parecem colocar a mulher lésbica numa posição de invisibilidade, de modo a reforçar a norma heterossexual dominante.

Considerando esse contexto de heteronormatividade, pretendemos expandir nossa análise tornando visível aquilo que, sistematicamente se tenta negar e/ou desqualificar: a sexualidade entre mulheres lésbicas. Buscaremos problematizar o lugar da mulher lésbica dentro desse recorte da literatura, visando o empoderamento LGBTQI+, de uma sigla (“L”) a qual muitas vezes não é pensada em sua dupla pertença identitária: enquanto mulher e lésbica, buscando emancipação de gênero e de orientação sexual ao mesmo tempo.

Lionço (2008, p.312) explica que a heteronormatividade impõe um silêncio generalizado sobre a temática do reconhecimento da diversidade sexual, há um esforço em afirmar que não há pessoas LGBTQI+ em obras literárias, onde precocemente “as crianças aprendem a indexar o universo social da dicotomia de gênero”. Fundamenta-se numa biologia humana de reprodução, sem referências às dimensões sociais e simbólicas da sexualidade.

Tal suposição de naturalização da heterossexualidade como único fundamento do laço afetivo e sexual é encarada pela autora, como um desafio à equidade, pois o outro (não heterossexual) é ora silenciado, ora visto como não-legítimo/marginal. Esse jogo intencional das desigualdades sexuais pode encontrar agravantes específicos quando a sexualidade em questão é a da mulher lésbica, pois desafia-se ao mesmo tempo uma concepção social de sexualidade que discursivamente se pretende afirmar heterossexual e masculina.

De modo que, produzir e estimular a produção de conhecimentos inclusive no campo literário, que abordem essas problemáticas de maneira crítica e inclusiva, favorece a desconstrução de um modelo social de exclusão. O desafio posto é enfrentar os dilemas e as contradições vivenciadas pelas personagens do conto, contextualizando as problemáticas da ficção com as demandas dos movimentos feministas e LGBTQI+.

Como contribuição esperada, esse trabalho tem como pressuposto discutir e denunciar situações de conflitos vivenciados pela mulher frente a uma sociedade machista patriarcal, e enquanto lésbica no que diz respeito à lesbofobia estrutural, contribuindo no empoderamento de ambos os grupos sociais: a mulher e a pessoa LGBTQI+. O objetivo geral da nossa pesquisa é realizar uma leitura crítica através de uma abordagem feminista e lésbica do conto “Umas pernas

grossas”. Com a finalidade de alcançar o objetivo citado, pretendemos nortear nosso trabalho, conversando com **os valores socioculturais da sociedade brasileira**, sobretudo estabelecendo relações entre **as contribuições das ondas dos movimentos feministas e das contribuições dos estudos da sexualidade** que leva em consideração o protagonismo feminino (e lésbico) em sua construção.

O corpus de análise escolhido se trata do conto “Umas pernas grossas”, escrito por Natalia Borges Polessa e publicado em 2015, que junto a outros, compõe o livro intitulado “Amora”, dada a sua contribuição literária para os estudos contemporâneos das temáticas de intersecção gênero e orientação sexual no cenário brasileiro contemporâneo.

Natalia Borges Polessa, nascida no Rio Grande de Sul, é uma pesquisadora e escritora contemporânea da literatura brasileira, que aborda temáticas de relações afetivas e sexuais entre mulheres. É doutora em teoria da literatura e vencedora do prêmio Jabuti, em 2016, com a obra “Amora”.

A obra “Amora” reúne diversos contos que abordam a temática do relacionamento lésbico, de modo a abranger experiências afetivas no campo da descoberta da sexualidade, vivência dos prazeres sexuais, medos da descoberta e etc.

O conto, “Umas pernas grossas” é narrado em primeira pessoa, e nos conta sobre as experiências da descoberta da sexualidade de jovens garotas que sentem atração afetiva-sexual por outras garotas, envolvendo sentimentos de dúvida, curiosidade e aceitação, em uma atmosfera que coincide com a de muitas alunas adolescentes.

Tal exemplo de literatura se faz cada vez mais necessário como estratégia que contempla a discussão sobre gênero e diversidade, fazendo com que seja enfrentado o memoricídio. Termo que nas palavras de Constância Lima Duarte, em entrevista concedida a Barroca (2020) se refere ao “[...] sistemático apagamento da memória cultural. No caso das mulheres isso ocorre (ou ocorreu) com muito mais virulência, pois não só seus textos literários foram ignorados, como também sua produção jornalística, sua história de luta e resistência.”

Nesse sentido, o presente trabalho busca o contra ponto desse tipo de agenda de apagamento de narrativas, buscando a reafirmação e o compromisso assumido perante o respeito à diversidade na formação básica como componente curricular da escola brasileira.

2. OS FEMINISMOS

Durante séculos da história Ocidental, variados conceitos foram construídos socialmente sobre diversos marcadores sociais de diferenças, visando hierarquizar povos e culturas sobre determinados parâmetros. Entre tais grupos é possível observar a construção de uma sociedade patriarcal e machista que organiza a sociedade de modo desigual entre homens e mulheres, assumindo, de modo ideologicamente construído uma espécie de superioridade do homem em relação à mulher. Tal construção assume-se com respaldos discursivos de diferentes campos e instituições sociais, dirigidas pelos interesses dos próprios homens.

A maneira como se organiza esse marcador social em determinadas épocas e culturas é identificada com uma divisão de trabalho clara, citamos por exemplo, a organização do século XVIII, que direcionava os homens para a atividade do acúmulo de capital através do discurso burguês, enquanto reforçava a mulher como alguém que deveria estar atrelada ao espaço privado:

A condição biológica da mulher lhe coloca em posição de submissão diante do sexo oposto, da sociedade e da igreja, sendo esses três seus carrascos, vigiada, punida, oprimida, silenciada de todas as suas ações. A mulher vitoriana está encarcerada em seu próprio corpo (SOUZA & SOUZA, 2018, p. 249).

Assim, a mulher estaria associada a um discurso baseado em uma perspectiva filosófica que visava construir uma espécie de “natureza feminina” (SOUZA & SOUZA, 2018). Há uma construção dos atributos socialmente esperados da mulher com um nível de engenharia social sofisticada, que tornaria natural tais fenômenos sociais.

Outras instituições sociais, como a religião cristã, em sua formação e percurso histórico têm desempenhado normatizações dos corpos e das sexualidades com impactos culturais significativos em toda a sociedade Ocidental há séculos, desde práticas como a “confissão”, a instauração de tribunais de Inquisição e diversos métodos de interrogatórios, onde o sujeito

(homens e mulheres) passa a ser identificado pelo discurso de verdade que seria capaz, ainda que obrigado, a ter sobre si mesmo (FOUCAULT, 1988).

Perspectivas essas que encontravam apoio ou eco através de outras instituições sociais, a própria da Ciência. Inclusive é no século seguinte, o século XIX, em que se organiza um vasto campo de saber científico com um discurso baseado na tentativa de controle dos corpos e das sexualidades.

Pode ser, muito bem, que a intervenção da Igreja na sexualidade conjugal e sua repulsa às "fraudes" contra a procriação tenham perdido, nos últimos 200 anos, muito de sua insistência. Entretanto, a medicina penetrou com grande aparato nos prazeres do casal: inventou toda uma patologia orgânica, funcional ou mental, originada nas práticas sexuais "incompletas"; classificou com desvelo todas as formas de prazeres anexos; integrou-os ao "desenvolvimento" e às "perturbações" do instinto; empreendeu a gestão de todos eles (FOUCAULT, 1988, p. 41).

A compreensão de tal rede proféticas de verdade nos ajuda a entender a complexidade de discursos que são construídas socialmente, de modo que não é possível encontrar um único ponto ou direção que a reforça. A produção de verdades é fenômeno que pode vir afetar o sujeito de diferentes modos, e fazer com que tal pessoa não os perceba enquanto construções sociais, que perpassam marcadores sociais, como os de gênero, raça/etnia ou orientação sexual. Será nesse cenário e diante da intersecção dessas instituições que se encontrará a mulher (e sua sexualidade) no século XX, também pensada como categoria ideologicamente universal.

Em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão e essa passa a ser a referência que não precisa mais ser nomeada. Serão os "outros" sujeitos sociais que se tornarão "marcados", que se definirão e serão denominados a partir dessa referência. Desta forma, a mulher é representada como "o segundo sexo" e gays e lésbicas são descritos como desviantes da norma heterossexual (LOURO, 2000, p.9).

Conforme descrito, é o homem branco, heterossexual, de classe média, urbano e cristão que por muito tempo definirá aquilo o que significa “os outros”, de maneira hierárquica se autoproclamando superior e elegendo atributos que assim julga ser pertinentes para determinada leitura social. A mulher seria pensada como sendo frágil, delicada, amorosa, paciente, e no outro polo haveria o homem, pensado como forte, corajoso e racional.

O próprio discurso de construção de corpos também é encontrado em figuras que ousam transgredir os ideais de masculinidade e feminilidade socialmente atribuídos: “a mulher

histórica; a criança masturbadora; o casal que utiliza formas artificiais de controle de natalidade; e o "pervertido", especialmente o homossexual” (LOURO, 200, p.36).

É diante do enfrentamento a categorias sociais em construção (que perduram até hoje) como essas que inferiorizam ou retiram direitos de um grupo específico de pessoas que surge a necessidade de se pensar o desenvolvimento dos movimentos sociais. No caso específico das que buscam pela desconstrução das desigualdades de gênero socialmente construídas e pela equidade entre homens e mulheres, temos os movimentos feministas. Em uma de suas formas de definição expressa por autoras feministas temos:

O feminismo pode ser definido como o movimento social que reivindica a melhoria das condições de vida das mulheres e reconhece que homens e mulheres, apesar das suas diferenças, são equivalentes.

Atualmente, é um movimento muito ramificado e seccionado, no qual diferentes pautas são discutidas e defendidas ao mesmo tempo por diversas vertentes do movimento (CARDOSO & SILVA, 2018, p. 1).

Com finalidade meramente didática é possível dissertar tais pautas organizadas através das chamadas “ondas do feminismo”, que nos auxiliam a compreender alguns marcos importantes de lutas das mulheres.

A primeira onda feminista, ocorrida entre o final do século XIX e o início do século XX teve como marco a manifestação do movimento sufragista reivindicando direitos políticos e sociais para as mulheres, como o direito de votar e serem votadas (LOURO, 2014).

Nesse momento é importante destacar que além do marcador “gênero”, outros marcadores já estavam em disputa como “raça/etnia” e classe. Enquanto as mulheres de classe média (e brancas) tinham como interesse temas como a igualdade de oportunidades no mercado de trabalho, a mulher pobre (e negra) já trabalhava há muito tempo e sobre condições precárias. A respeito da primeira onda, a autora feminista Louro (2014, p. 15) afirma:

Seus objetivos mais imediatos (eventualmente acrescidos de reivindicações ligadas à organização da família, oportunidade de estudo ou acesso a determinadas profissões) estavam, sem dúvida, ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas (embora circunscrito a alguns países) foi seguido de uma certa acomodação no movimento.

Devido a essa organização e movimentação social que se torna possível pensar os temas que se relacionam a uma segunda onda de feminismo. Nesse momento, por volta dos anos de 1960, é possível pensar construções teóricas a respeito de conceitos como os de “gênero”, e obras de bastante contribuição como o lançamento do livro “o segundo sexo” de Simone Beauvoir (CARDOSO & SILVA, 2018; LOURO, 2014).

Embora Beauvoir tenha escrito O segundo sexo no período de transição entre a primeira e a segunda onda feminista, ela ainda é influenciada pelo feminismo igualitarista da primeira onda, ou seja, Beauvoir tinha o modelo masculino como neutro e desejável, e acreditava que para a mulher alcançar a categoria de sujeito livre ela teria que ser igual ao modelo de sujeito livre, no caso o homem (CARDOSO & SILVA, 2018, p 1-2).

Assim a segunda onda do feminismo poderia ser pensada em dois momentos, o primeiro relacionado às ideias de Simone Beauvoir, através de uma perspectiva mais igualitarista, enquanto em segundo momento haveria uma perspectiva mais diferencialista, pensando a “mística feminina” de Betty Friedan. Havia uma luta pelo reconhecimento da igualdade entre as mulheres e os homens, como também pelo reconhecimento da diferença em igual valor entre os mesmos (CARDOSO & SILVA, 2018).

Nesse período, havia muitas mudanças sociais ocorrendo no mundo, e um clima pronto de efervescência política, social e cultural instaurados, havia a presença pública de grupos de conscientização, protestos, marchas, como também a organização de jornais, livros e revistas sobre temas relacionados à tais climas de mudanças na sociedade, os quais também tratariam mudanças em instituições sociais como as universidades (LOURO, 2014).

De modo que, a partir das feministas anglo-saxãs que identificaremos diferenças nas palavras *gender* e da palavra *sex*, rejeitando noções de determinismos biológicos, e observando o caráter social, através da linguagem, dessas distinções. Não se trata de negar que o gênero se constitua sobre um corpo, mas enfatizar as construções sociais e históricas produzidas sobre ele (LOURO, 2014).

Com as contribuições das feministas da segunda onda foi possível pensar uma diversidade de temáticas de gênero no contexto acadêmico, que se ampliou a partir do surgimento da terceira onda do feminismo, ocorrido por volta dos anos 1990 nos Estados Unidos. Nesse contexto, com a terceira onda do movimento houve uma expansão dos temas feministas que passaria a incluir

um conjunto maior de identidades das mulheres, englobando características e pertencimentos que até então ainda permaneciam à margem das pautas feministas.

A Terceira Onda apresenta uma pauta de reivindicações mais ampla do que o grupo da Segunda Onda, uma vez que engloba “a teoria queer, a conscientização da negra, o pós-colonialismo, a teoria crítica, o transnacionalismo”, entre outros. Aponta como aspecto relevante a auto-estima sexual, uma vez que a sexualidade é também uma modalidade de poder. Feministas marginalizadas, anteriormente, contribuem para estabelecer a identidade dessa onda que acredita ser a contradição e a negociação das diferenças uma das características mais significativas do feminismo contemporâneo (ZINANI, 2009, p. 413).

É nesse momento que os temas da interseccionalidade ganham maior evidência nos movimentos feministas, onde mulheres pertencentes que são submetidas as opressões como de raça/etnia, classe e orientação sexual podem analisar e refletir sobre tais condições, tornando assim possível, discutir temas específicos relacionados às mulheres lésbicas por exemplo. Tal possibilidade se torna possível apenas com as contribuições de todas aquelas mulheres que antecederam a essa possibilidade de diálogo e construção discursiva.

Para tratar dessa intersecção, se faz necessário dar atenção para algumas experiências importantes vividas pelas mulheres lésbicas, das quais não haviam tido uma visibilidade social tão grande quanto daquelas discussões apresentadas pelas mulheres heterossexuais, que compõe a norma hegemônica de orientação sexual heteronormativa.

Esse era o pensamento de teóricas feministas como Adrienne Rich (2010, p.22), que critica a ideologia da heteronormatividade, inclusive entre as próprias mulheres feministas (heterossexuais), com a finalidade de fazer com que essas mulheres pudessem ampliar as discussões em torno da heterossexualidade enquanto instituição política. Uma das preocupações apresentadas pela autora “[...] se refere à negligência total ou virtual da existência lésbica em um amplo conjunto de textos, inclusive da produção acadêmica feminista”.

Semelhante processo de apagamento, ou silenciamento é discutido por outras autoras feministas com atuação no contexto escolar e acadêmico brasileiro, que corroboram com essa ideia da negligência da existência lésbica, inclusive em textos. Um exemplo que pode ser citado é o de Lionço e Diniz (2008, p. 312), ao firmar que, “nos livros didáticos, o caráter heteronormativo das relações sociais está presente nos padrões de representação de gênero e de organizações familiares, nos discursos sobre afetos e também na ausência do tema da diversidade sexual”.

Reforçam assim, a hegemonia de um discurso heteronormativo, que simula naturalidade perante a sua formação enquanto discurso produzido socialmente.

De acordo com Lionço e Diniz (2008, p. 313), a heteronormatividade ao se fundamentar em suposto discurso de biologia humana, naturaliza corpos e o entendimento de relação sexual, ao mesmo passo que exclui às dimensões sociais e simbólicas da sexualidade, “sendo a reprodução sexuada a tônica nas discussões sobre a sexualidade nos livros didáticos de ensino fundamental e médio”

Esse universo passa a ser modelado pelas diversas instituições sociais, que inclui desde a família até a escola, de maneira muito precoce na formação das mulheres e dos homens, negando a sexualidade da mulher e tornar desviante a sexualidade não heteronormativa.

No que diz respeito às relações de poder e violência perpetrada pelo homem sobre o corpo da mulher é possível identificar exemplos de situações que negam a sexualidade da mulher, tais como a punição, restrições contra a masturbação, ou destruição de documentos relacionados a existência da mulher lésbica (RICH, 2010).

A história de apagamento e invisibilização construída sobre o corpo e a sexualidade da mulher lésbica não é prática tão recente, porém que persiste até hoje, mesmo dentro de movimentos sociais e na academia. Um fato curioso a respeito dessa prática é contado por Borrillo (2010, p. 27):

A historieta atribuída à rainha Vitória, no momento da atualização, no século XIX, das penas contra as relações sexuais entre homens é bastante eloquente. Tendo sido interrogada sobre a impunidade das relações sexuais entre mulheres, a rainha respondeu: "Como punir algo que não existe?"

Na mesma medida, porém diametricamente oposta, outras estratégias de reforço a sexualidade heterossexual acontece, sendo algumas delas: a promoção de instituições como o casamento e de maternidade; idealização do romance heterossexual em diversos contextos como mídia, literatura e propaganda; descrições pornográficas das mulheres a responder com prazer tanto à violência sexual e à humilhação; apreensão legal dos filhos de mães lésbicas; confinamento físico; monitoramento das mulheres para desviá-las de certas profissões supostamente masculinas (RICH, 2010).

Esses seriam alguns dos métodos dos quais esse poder masculino heterossexual se faz manter a sua posição de controle, que se potencializa ao reforçar uma “heterossexualidade ideal” para a mulher.

Tais aprisionamentos são enraizados na cultura com vistas a controlar os corpos, porém impactam mais diretamente a população que possui uma sexualidade não heterossexual. O autor Mott (2002) traz contribuições importantes para entender como as sexualidades das mulheres lésbicas e homens gays são discriminadas socialmente, elencando um histórico de visões elaboradas a ideia da “homossexualidade”, vista como: crime hediondo, os quais aqueles que assim fossem identificados como pessoa que fizesse sexo com alguém do mesmo sexo seria perseguida por instituições como a antiga santa inquisição, ou alvos tratados como delinquentes pelos policiais.

Além desse aspecto outros elementos são apontados pelo autor: pecado abominável, sendo considerado pela teologia moral cristã um pecado mais grave do que matar a própria mãe; homofobia internalizada, que funciona como uma espécie de ódio sentido por aqueles que possuem desejos homoeróticos e ainda não transgrediram a imposição da heteronormatividade, ocasionando efeitos que vão desde a frustração sexual até o suicídio; opressão familiar, que opera numa lógica heteronormativa de exclusão e violência; complô de silêncio, observado pelo apagamento sistemático da presença dessas pessoas na história ou da vida pessoal delas; homofobia religiosa, com discursos que reforçam o preconceito e estigma social; e por fim, os pensamentos identificados como se fosse uma “luta menor” e da “homofobia acadêmica”.

As contribuições citadas nos ajudam a refletir sobre algumas das dificuldades encontradas para criar condições de diálogo e visibilidade das temáticas relacionadas à mulher lésbica: ora colocada a orientação sexual lésbica como pauta menor em movimentos feministas, ou ainda, postos à margem da sombra de movimentos LGBTQI+ protagonizados por homens.

As lésbicas têm sido historicamente destituídas de sua existência política através de sua “inclusão” como versão feminina da homossexualidade masculina. Equacionar a existência lésbica com a homossexualidade masculina, por serem as duas estigmatizadas, é o mesmo que apagar a realidade feminina mais uma vez (RICH, 2010, p. 36).

Tornar visível a intersecção da mulher lésbica enquanto mulher, evidenciando a sexualidade não heterossexual é um desafio que se coloca em dupla pertença, sobretudo na desconstrução

de modelos de exclusão e preconceito contra a mulher lésbica. A “lesbofobia” aponta uma categoria de estudo que evoca violências particulares que se define pela dupla aversão baseada no fato de ser mulher e homossexual, difere por exemplo, do homem gay, acumulando discriminações de gênero e sexualidade (BORRILLO, 2010).

É na desconstrução desses ideais hegemônicos que a obra produzida por Natalia Borges Polessó, a qual é aqui analisada, tem muito a nos ensinar a respeito desses temas, pois ousa transgredir ao mesmo tempo uma visão normativa de gênero, também como rompe essa heteronormatividade da qual se tenta encaixar a mulher lésbica.

3. A DESCOBERTA DE UMA SEXUALIDADE LÉSBICA ENTRE JOVENS NO CONTO “UMAS PERNAS GROSSAS”, DE NATALIA BORGES POLESSO

O nosso corpus de análise é o conto “Umas pernas grossas”, escrito por Natalia Borges Polessó e publicado em 2015. O conto se passa na perspectiva da narradora que nos conta sobre as suas vivências e descoberta da sexualidade enquanto adolescente que jogava no time de futebol de sua escola.

A história apresentada tem início com sentimento de surpresa elaborado pela narradora quando da descoberta da sexualidade de uma colega de escola chamada Isadora, que namorava às escondidas com outra colega chamada Kelli.

A narradora revela ao longo do conto a curiosidade de saber sobre a orientação sexual das meninas com quem ela convivia, mostrando desconfiança quanto à orientação sexual lésbica de personagens como Greice e Kelli devido a certos estereótipos, enquanto confrontava-se com outras possibilidades de ser lésbica diferente da norma heteronormativa.

Durante as lembranças evocadas, a figura da Isadora enquanto padrão heteronormativo de mulher heterossexual é colocado pela narradora como suposta confirmação da sexualidade da personagem: unhas feitas, cadernos com capa de homens famosos, namorar um garoto, etc.

Porém, com o desenrolar da narrativa é possível perceber que os estereótipos de gênero e orientação sexual construído pela narradora ao longo de suas experiências foram sendo desconstruídos, uma vez que as personagens lésbicas do conto correspondiam a diversos

padrões fora e dentro daqueles prescritos pela heteronormatividade. A jovem Isadora, por exemplo, que preenchia os requisitos prescritos para uma mulher heterossexual era lésbica.

A história fala sobre a autodescoberta da sexualidade, de reavaliar os preconceitos e estereótipos enraizados em nós, e o quanto aprendemos a partir da experiência compartilhada com pessoas que passam por situações semelhantes às nossas.

Alguns elementos da narrativa podem ser identificados no que diz respeito à estrutura da construção e ambientação do conto: trata-se de uma narrativa curta, com apenas quatro páginas, reduzido número de personagens, onde se condensa o conflito, tempo e espaço da história, tipicamente como é apresentado o gênero “conto” (GANCHO, 2004).

Temos no conto uma narradora que também é a protagonista, uma jovem que tem se descoberto lésbica e sentia atração afetiva pela personagem Ariela (personagem secundário). A narradora se mostra alguém que se relaciona bem com a própria sexualidade, embora demonstrasse um desconhecimento a respeito dela enquanto adolescente. Outros personagens secundários que compõe a narrativa são: Isadora, a qual vivia um relacionamento secreto com Kelli; as gêmeas Kelli e Greice, descritas como duas mulheres bonitas e que a narradora acreditava serem lésbicas; Ariela, personagem que possuía ótimas habilidades de jogadora e torna-se uma paixão secreta da narradora; Marco, treinador do time; Diogo e Felipe, ex-namorados da narradora e da Ariela, respectivamente, personagens que temos poucas informações apresentadas; Tui, Rose, Simone e Jana, colegas de time da narradora; Daphne-Teco-Teco, amiga da narradora; Sandra, uma colega que costumava chamar a narradora de lésbica quando mais novas.

O conto desenvolvido segue através da narrativa em primeira pessoa, apresentando uma perspectiva do campo de visão limitada à percepção das memórias da narradora. Nesse tipo de narrativa, o narrador participa diretamente do enredo enquanto personagem. Sobre esse tipo de narrador, Gancho (2014, p.21) o define como sendo:

é aquele que participa diretamente do enredo como qualquer personagem, portanto tem seu campo de visão limitada isto e, não é onipresente, nem onisciente. No entanto, dependendo do personagem que narra a história, de quando o faz e de que relação estabelece com o leitor, podemos ter algumas variantes de narrador personagem.

Nesse caso o narrador em primeira pessoa também é considerado protagonista da história, nos levando a conhecer parte de um tempo psicológico da personagem, sobretudo em momentos em que se refere a episódios da adolescência, como das primeiras experiências afetivas e sexuais, da descoberta da própria sexualidade, conforme é possível ver em passagens como essa da narradora ao recordar da colega Ariela:

Bonita mesmo era a Ariela, essa sim. Voava para dentro da área com a bola na mão, eu via a cena num ralentando de movimentos quase etéreos, a Ariela com as pernas muito longas, se dobrando como num salto de balé clássico, músculos constrictos, antes da expansão, voando, entrando na área, o braço erguendo, as veias dos punhos, a mordida no lábio inferior, e soltava a mão (POLESSO, 2015, p. 92).

Trata-se de uma técnica bastante utilizada em narrativas a serviço de tempo psicológico, o *flashback*, que consiste basicamente em voltar no tempo (GANCHO, 2014). Enquanto o ambiente em que se passa a narrativa transita entre quadras de futebol e os *flashbacks* a respeito dos encontros entre Kelli e Isadora no vestiário, durante os encontros em ambiente escolar, e das estratégias para matar aula.

A narrativa é introduzida através da surpresa em relação a sexualidade da amiga Isadora. Ainda em suas primeiras linhas é dito: “Não podia ser, não podia estar certo, a Isadora tinha namorado e, naquele momento, o namorado da Isadora devia estar na arquibancada, esperando que ela entrasse em campo” (POLESSO, 2015, p. 90).

O enredo parece encontrar o seu conflito já nos momentos finais do conto, apresentado pelo questionamento sobre como estariam as colegas do tempo de escola nos dias atuais, desencadeado após o encontro com a Sandra na festa.

Pensei em várias coisas naquele dia, pensei nos rumos que a vida toma e procurei todas as gurias nas redes sociais, todas de quem eu lembrava o nome completo. Parecia que eu era a que menos tinha mudado, não sei. Pode ser impressão (POLESSO, 2015, p. 92).

Na narrativa ficam evidentes duas condutas distintas: da narradora ao querer conhecer mais sobre as meninas, e a da mudança de perspectiva que ela adquire após conhecer as narrativas das colegas. O clímax da história está na resposta à curiosidade lançada sobre a sexualidade da Isadora, curiosidade que funciona na narrativa como um tipo de anticlímax, de suspense. Há um enfrentamento sobre os estereótipos de mulher lésbica *versus* mulher heterossexual pensado pela narradora, que faz a tensão textual como um reflexo de desconstrução nos personagens.

Como desfecho temos a resposta: Isadora e Kelli já mantinham um relacionamento desde o tempo de escola, que perdurou e hoje estão casadas.

Assim é possível identificar ainda o tema, assunto e a mensagem da história, como sendo respectivamente: a lesbianidade; a lesbianidade em contexto de heteronormatividade; visibilidades e possibilidades de vivência da sexualidade lésbica entre mulheres jovens. Podemos identificar ainda, o conto sendo estruturado através principalmente de discursos indiretos.

Nesse sentido, é possível elencar alguns fatores que remetem às questões atreladas às discussões de gênero, sobretudo daquelas críticas já apresentadas por pesquisadoras feministas.

Um dos primeiros marcos está na representação dos comportamentos esperados para mulheres, e reproduzidos socialmente como norma. É possível encontrar a prática a partir do pensamento da narradora jovem sobre a personagem Isadora:

A Isadora vinha para o treino de unhas feitas. Ela tinha um caderno da Malhação com o Cláudio Heinrich na capa, e isso era o cúmulo da heteronormatividade. Nós tínhamos catorze, quinze anos e todas nós confiávamos cegamente na revistinha do horóscopo, éramos meninas, fazíamos coisas que diziam ser de meninas. Será que o futebol era um indicador? Acho que não, quase todas tinham namorado, menos a Greice e a Kelli, e eu não tinha porque era puta mesmo, como diziam, ficava com todo mundo. (POLESSO, 2015, p. 90).

Tal estratégia de regulação sexual tem nos acompanhado enquanto cultura ocidental há séculos, e com diversas contradições. Como estratégia de regulação da sexualidade, porém, havia desigualdades na maneira em como a sexualidade masculina e feminina eram pensadas, assim descreve a feminista Louro (2000, p. 37):

A sexualidade das mulheres era severamente regulada para assegurar a "pureza", mas, ao mesmo tempo, a prostituição era abundante. As doenças venéreas representavam uma grande ameaça à saúde, mas eram enfrentadas através de tentativas de controlar e regular a sexualidade feminina ao invés da masculina.

Dito isso, é importante observar que o controle exercido não implica na tentativa do desaparecimento da sexualidade, mas em hierarquizar-la sobre determinados parâmetros do patriarcado, que reforçaria ao mesmo tempo a construção de estereótipos. Há no questionamento feito pela narradora a incorporação de valores presentes na homofobia, através do reforço de estereótipos e preconceitos.

A personalidade homofóbica, enquanto estrutura psíquica de tipo autoritário, funciona com categorias cognitivas extremamente nítidas (estereótipos), permitindo-lhe organizar intelectualmente o mundo em um sistema fechado e previsível. Os gays são, assim, sistematicamente apresentados como frívolos que se submetem à promiscuidade sexual, solitários ou narcísicos; por sua vez, as lésbicas são percebidas como agressivas e hostis para com os homens (BORRILLO, 2010, p. 99).

A autora do conto em questão explora essa temática a desconstruindo, através do questionamento sobre a sexualidade de Isadora, que se afirma lésbica, e de como na época da sua adolescência não havia uma clareza da própria sexualidade, como o ocorrido com a Sandra.

A Ariela também passa a ter um papel central nesse processo, de inspiração para a narradora durante muitas passagens citadas no conto. Como destaque temos o seguinte trecho citado pela narradora ao falar de sua admiração pela personagem Ariela:

O Marco treinava a gente no turno contrário da aula, sempre me botava para jogar contra a Ariela, porque eu era a melhor goleira e ela, a melhor atacante. Perdi a conta das boladas na cara, na barriga, perdi a conta dos dedos quebrados, mas sempre valia. No fim do treino, ela vinha me abraçar e dizer que aquilo era uma briga justa. E então ela passava a mão no meu cabelo e me dava um beijo estalado na bochecha, depois me empurrava com um soquinho fajuto. Era uma espécie de ritual para mim, se não tivesse isso no final, o jogo não tinha sido nem bom, nem justo. (POLESSO, 2015, p. 90-91).

Ao mesmo tempo a narrativa se desenvolve, nas memórias da narradora no presente e em tempo passado, como sendo o espaço da quadra esportiva o mais privilegiado, evidencia um papel de cuidado controle direcionado a mulher lésbica, onde o namoro era permitido público quanto heterossexual, e escondido quando lésbico. Fato esse pode ser percebido quando a narradora descreve a liberdade que possuía junto a Ariela para namorarem com colega homens, diferentemente do namoro escondido entre Isadora e Kelli:

Depois do jogo, a gente ia sentar nas arquibancadas com os guris. Eu ficava com o Diogo, na época. Um alemãozinho magricela com corte de cabelo penico. A Ariela ficava com Felipe, um cara do terceiro. Nós tomávamos sorvete e depois subíamos até o parque para ver os guris jogarem basquete. (POLESSO, 2015, p. 91).

Essa situação de ocultação da sexualidade da mulher lésbica é descrita por feministas como Rich (2010) como uma das estratégias de exercício do poder masculino, convencidas de que o casamento (heterossexual) e uma sexualidade direcionada aos homens seriam naturalmente desejados, mesmo diante de situações de violência. Os aspectos emocionais da mulher lésbica

seriam então esquecidos, tornando-se apenas uma espécie de objeto sexual para o homem (heterossexual).

Essa heterossexualidade compulsória é construída através da ideologia do romance heterossexual que ensina a mulher desde infância através de contos de fada, televisão, propagandas, etc. a se submeterem a noções de “amor” de uma suposta pulsão sexual incontrolável masculina (RICH, 2010).

Há no conto de Polesso a presença da ruptura, da recusa à uma sexualidade feminina submissa e sem emoção própria. Ao mesmo tempo, em que personagens como a Isadora encontraram formas de viver momentos felizes, apesar dos aparelhos sociais de controle.

Todo o time já estava na concentração, dentro do campo, batendo bola. Menos a Kelli e a Isadora. Eu entrei no vestiário e ouvi o chuveiro ligado. Os cubículos tinham as portas vazadas na parte de baixo e tudo o que eu vi foram quatro pernas perdidas umas nas outras, umas canelas redondas que certamente dariam nas coxas grossas da Kelli e as unhas bem feitas dos pés da Isadora. (POLESSO, 2015, p.93).

Segundo Borrillo (2010), há um menosprezo da sexualidade feminina, principalmente das mulheres lésbicas, porém que pode se tornar fenômeno de violência quando essas mulheres recusam o status social supostamente atribuído ao seu gênero, ou seja, quando recusam papéis sociais de mães e esposas.

Essa parece ter sido uma estratégia de sobrevivência adotada por Isadora e Kelli, ao mesmo tempo em que ambas puderam viver a orientação sexual, enquanto mulheres lésbicas, transgredindo os valores culturais patriarcais e heteronormativos, também optaram pela permanência em desempenhar papéis sociais que estariam supostamente direcionados a mulher dentro de uma perspectiva social de gênero desigual como a nossa, ainda atual, sociedade.

Rich (2010, p. 34), no entanto, nos propõe lembrar que além das medidas formuladas para manter as mulheres dentro dos limites sexuais masculinos, um problema que as feministas devem adotar não é simplesmente a desigualdade de gênero, a dominação cultural por parte dos homens, mas principalmente o “[...] reforço da heterossexualidade para as mulheres como um meio de assegurar o direito masculino de acesso físico, econômico e emocional a elas.” Um dos muitos meios de reforço é, obviamente, deixar invisível a possibilidade lésbica [...].”

As possibilidades encontradas por Isadora, diferentes daquelas encontradas por Sandra, traz como reflexão também quanto aos avanços encontrados em relação ao reconhecimento da diversidade sexual. Tema esse que nos ajuda a compreender e avançar pautas dos feminismos existentes, pois “a suposição de que “a maioria das mulheres são heterossexuais de modo inato” coloca-se como um obstáculo teórico e político para o feminismo” (RICH, 2010, p. 19).

Isadora se mostra como uma pessoa que pode viver a sua sexualidade até certo ponto, embora namorasse um garoto, de modo que os seus amigos e colegas a aprovassem publicamente como heterossexual, por medo de eventual situação de lesbofobia. Nos momentos finais da narrativa, nos é sugerido que Isadora parece ultrapassar o seu medo a respeito da lesbofobia: “Quando cheguei ao perfil da Isadora, vi que ela tinha muitas fotos com a Kelli e que elas eram casadas uma com a outra. Meus olhos não estavam enganados, nunca estiveram. Aquilo sempre tinha sido paixão, sempre.” (POLESSO, 2015, p. 92-93).

Não se trata de uma “insegurança de contar isso” apenas identificada como algo que se associe a uma característica meramente psicologizada de um personagem, mas de um lembrete da cultura da lesbofobia, que por muito tempo se estruturou também na literatura.

Há uma pedagogia de inferiorização aplicada à mulher lésbica, inclusive em materiais como os verbetes de dicionários, onde costumam trazer exemplos de injúrias homofóbicas, as definindo em termos como “sapatão” (LIONÇO & DINIZ, 2008).

Para Jesus (2012, p.29) A heterossexualidade compulsória, possui “crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização”

Nesse sentido é presente na obra uma crítica a esse sistema social de exclusão, e de questionamento a determinado sistema social como único legítimo, há outras possibilidades para além do modelo heteronormativo, construído socialmente. Em uma das passagens do conto, a narradora conta: “Eu olhei para a Sandra e ela quase morreu engasgada com a bebida. Ela me cumprimentou falando meu nome entre tosse e surpresa. Era a ogra que me chamava de lésbica na escola. Eu ri e disse que deveria ter ouvido com mais atenção os toques que ela me dava. [...]. Eu não tinha nem consciência do que eu sentia pela Ariela.” (POLESSO, 2015, p. 92).

Tais outros modelos são sistematicamente ignorados socialmente, inclusive em livros didáticos e paradidáticos, ao mesmo tempo em que se reforça a existência de dois modelos de mundo no que diz respeito a representação social de gênero e orientação sexual, um direcionado ao masculino-heterossexual, e outro direcionado ao feminino-heterossexual, estando esse último ainda fortemente associado a vida doméstica.

Fato esse, que também pode ser pensado a partir da reflexão posta pela narradora quanto à confirmação da heterossexualidade da colega Ariela: “Outro dia achei a Ariela numa rede social, casada, com filhos, advogada. Sem chances, pensei. (POLESSO, 2015, p. 92)”. Não havendo espaço para questionar alguma possibilidade fora dessa dicotomia de gênero.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise do conto “Umas pernas grossas” foi possível identificar diversos elementos que dialogam com os valores da sociedade brasileira, especialmente por se tratar de uma obra literária contemporânea: a presença de elementos que discutem o contexto social de silenciamento em que se encontram pessoas não heterossexuais; mostrar as diferenças das possibilidades do feminino entre as jovens personagens; nos permitir refletir sobre avanços e conquistas de direitos; refletir dos espaços sociais conquistados por essas mulheres, etc.

Nesse sentido, a partir desse conto refletido por teóricas dos feminismos e pessoas que estudam as temáticas das sexualidades não heteronormativas foi possível discutir aspectos que abrangem tanto a sexualidade, como os avanços dos direitos das mulheres no contexto brasileiro, que desestabilizam a noção patriarcal moralizante sobre as mulheres.

O título “Umas pernas grossas” segue os sentimentos da narradora que são construídos em contraste à norma hegemônica heteronormativa, de modo que é através do reconhecimento desses sentimentos que se encontra a possibilidade de rompimento dessa norma hegemônica, através da experiência daquilo que é realmente sentido pela narradora. A escritora Natália Borges Polesso apresenta uma obra que nos coloca diante de um universo ainda pouco explorado na literatura brasileira, utilizando de elementos que podem ser reconhecidos pelo público em geral, o que inclui a população LGBTIQ+: a presença dos amores secretos entre mulheres.

Obras literárias que trazem essas temáticas, sobretudo aquelas escritas por pessoas que pertencem a esses determinados lugares de fala, precisam ser cada vez mais discutidas com vistas a impactar na desconstrução de uma cultura patriarcal e heteronormativa promotora de desigualdades de gênero e sexual. É a literatura um importante instrumento de consolidação ou desconstrução de papéis sociais divulgados socialmente, sendo por tanto, também um espaço de necessária democratização das maneiras com que se expressa a representação das mulheres lésbicas, com a possibilidade de assumir uma posição de protagonismo e postura positiva, e de resistência a modelos sociais excludentes.

Tal fato se torna primordialmente importante nos dias atuais, visto que os grupos políticos e sociais que se encontram na esfera reacionária aos processos de mudança social e busca por equidade, têm se tornado mais ativos nos últimos anos, tanto no Brasil quanto em outros países. A literatura cumpre um espaço de efetiva contribuição para o desenvolvimento da sociedade quando se torna capaz de denunciar situações de injustiças ou mesmo nos leva a refletir sobre grupos sociais que são sistematicamente invisibilizados. E essas são contribuições presentes que podem ser identificadas na obra da autora em questão.

É na abertura ao ato de conhecer a realidade vivida por minorias sociais que podemos contribuir para a democracia, sendo o referente conto uma possibilidade que nos coloca diante dessa questão, nos fazendo pensar através das personagens em situações geradoras de conflitos, de desejo, ansiedade, curiosidade e, sobretudo às questões relacionadas à vivência de uma sexualidade silenciada.

O conto nos desafia a refletir sobre como as sexualidades das jovens lésbicas, se organizam no silenciamento daquilo considerado desviante pela heteronormatividade, faz-nos pensar em como a cultura do machismo e da lesbofobia aprisiona sentimentos das mulheres lésbicas a ponto de ditar comportamentos sociais esperados para essas mulheres.

Como maior contribuição, o conto nos faz refletir sobre a possibilidade de sermos quem somos ainda que diante das adversidades, a possibilidade de reverter padrões sociais de exclusão é encarada tanto pelas personagens de maneira clara. Nenhuma das personagens, enquanto mulher e lésbica se entregaram aos ditames das normas de gênero e sexual hegemônicas, pelo contrário, e ainda que de modo não totalmente pleno, encontraram possibilidades de ser quem são, de assumir as suas próprias experiências e as vivê-las, de serem agentes da própria história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROCA, I. C. S. Constância Lima Duarte. **Jangada: crítica | literatura | artes**, v. 2, n. 15, p. 168–177, 2020. DOI: <https://doi.org/10.35921/jangada.v2i15.292>

BORRILLO, Daniel. História e crítica de um preconceito. **Autêntica**, 2010.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Kimberlin Kariny Gonçalves; SILVA, Fabio Lacerda M. UMA ANÁLISE HISTÓRICA INTRODUTÓRIA DAS TRÊS ONDAS DO PENSAMENTO FEMINISTA. In: **VIII Simpósio de Iniciação Científica, Didática e de Ações Sociais da FEI**, São Bernardo do Campo, 2018.

CASARIN, Rodrigo. **Vó, a Senhora é Lésbica? Leia o conto que causou polêmica no ENEM. 2018**. Disponível em: <paginacinco.blogosfera.uol.com.br/2018/11/06/vo-a-senhora-e-lesbica-leia-o-conto-que-causou-polemica-no-enem/> Acesso em 10 de Agosto de 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edição Graal, 1988.

GANCHÓ, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. Editora Ática, 2004.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos** [Online]. Goiânia: Ser-Tão/UFG, 2012. Disponível em: http://www.sertao.ufg.br/uploads/16/original_ORIENTA%C3%87%C3%95ES_POPULA%C3%87%C3%83O_TRANS.pdf?1334065989. Acesso em: 2 de Agosto de 2021.

LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora. Homofobia, silêncio e naturalização: por uma narrativa da diversidade sexual. **Revista Psicologia Política**, v. 8, n. 16, p. 307-324, 2008.

LOURO Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Editora Vozes, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MOTT, Luiz. **Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias?** Gênero & cidadania. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP. p. 143-256. 2002

POLESSO, Natalia Borges. Umhas pernas grossas In: POLESSO, Natalia Borges. **Amora**. Porto Alegre: Não Editora, 2015. p.90-93.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 4, n. 5, 2010.

SOUZA, Tatiana; SOUZA, Sueder. O ANJO DO LAR X FEMME FATALE: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER VITORIANA NA OBRA CARMILLA, DE LE FANU. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 14, n. 23, p. 241-261, 2018.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. Crítica feminista. In: BONNICI, Thomas. ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**, v. 3, p. 217-242, 2009.